

DOCÊNCIA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NO PERÍODO DA IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OURO PRETO DO OESTE - RO (1970 – 1980)

Devanir Aparecido dos Santos¹; Ludimilla de Souza Colodetti²

UNEOURO (Faculdade de Ouro Preto do Oeste), email: uneouro@uneouro.edu.br

Resumo: O presente artigo trata das condições de trabalho dos(as) professores(as) que atuaram na Estância Turística de Ouro Preto do Oeste – RO, nas décadas de 70 e 80. Faz-se uma reflexão sobre as estruturas físicas das escolas, que eram construídas com madeiras serradas ou com lascas de árvores e o piso de chão batido, desta forma o prédio não oferecia conforto aos alunos. Além de tudo, as condições das estradas de terra impossibilitavam o transporte de recursos para as escolas em épocas específicas, ou seja, de chuvas intensas na região. Discute-se sobre as condições salariais dos professores, onde mostra a valorização que os mesmos experimentavam, superior à valorização dos docentes da atualidade, sem deixar de fazer uma abordagem sobre a disponibilidade e distribuição dos materiais didáticos e da merenda escolar. O método de abordagem do objeto de estudo é o qualitativo e o método de procedimento é o histórico. Para o desenvolvimento dessa reflexão utilizou-se das memórias e reminiscências de alguns(as) docentes que atuaram nos primórdios da implantação da educação escolar na Estância Turística de Ouro Preto do Oeste. As técnicas de pesquisa utilizadas foram a análise dos arquivos em áudio das entrevistas abertas realizadas e arquivadas pelo GEPHEM-OPO (Grupo de Pesquisa e História da Educação e Memória de Ouro Preto do Oeste), da Faculdade de Ouro Preto do Oeste, e ainda, revisão de bibliografias sobre a colonização do Estado de Rondônia.

Palavras-chave: Memória, Docência, Educação escolar, Colonização.

1 Introdução

Esta reflexão objetiva-se a apresentar as experiências vividas por professores(as) pioneiros(as) da Estância Turística de Ouro Preto do Oeste – RO, nas décadas de 70 e 80,

¹ Possui graduação em: Pedagogia, Teologia, Filosofia e História; Especialização em História pela FAP (Faculdade de Pimenta Bueno - RO); Mestrado em História pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul); É doutorando pelo programa de pós-graduação em História da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Atua como docente, dedicação exclusiva, na UNEOURO (Faculdade de Ouro Preto do Oeste-RO) e responde como coordenador dos cursos de Pedagogia e Psicologia. É pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa Ação na Educação; endereço para acessar esse espelho: (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3516591730180959>) e MNEMOS - Grupo de Estudos Multidisciplinares em Educação, História e Memória; endereço para acessar esse espelho: (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3800069766678789). Email: msdevanirsantos@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia pela UNEOURO (Faculdade de Ouro Preto do Oeste-RO). Email: ludimillacolodetti@gmail.com.

quando rememoram suas condições de trabalho da época. Com isso disponibiliza-se conhecimentos preciosos que contribuirão com a comunidade acadêmica e demais interessados sobre implantação e desenvolvimento da educação escolar em processos de colonizações. O registro da história impede que a mesma se perca e se apague juntamente com as limitações que o tempo impõe sobre o homem e a finitude da vida. Acredita-se assim, justificar a relevância dessa análise.

Quando se trata das condições oferecidas para o trabalho docente percebe-se, pelos depoimentos, que a estrutura escolar da época era simples, as escolas eram de madeira serrada e/ou lascadas e continham apenas uma sala para atender concomitantemente da 1^a a 4^a série, ou seja, a escola trabalhava com turmas multi seriadas.³

O material didático da época era o giz, o apagador e o livro didático, ou a cartilha, que só o professor tinha acesso, naquele período da década de 70. Porém, haviam lugares onde não era possível transportar esses materiais devido as estradas estarem intransitáveis durante o período chuvoso, assim os professores tinham que improvisar com materiais encontrados no dia a dia como carvão de madeira queimada, sementes, tábuas etc., para poderem ministrar suas aulas.

A merenda escolar dos alunos, assim como os materiais didáticos, demorava para ser entregue pelos mesmos motivos a falta de estradas transitáveis. Assim a escola contava com o apoio da comunidade que fornecia alguns alimentos para complementar a merenda dos alunos.

Os professores entrevistados elogiaram a remuneração que recebiam naquele período, alguns chegavam a ganhar cerca de 4 a 7 salários mínimos, outros, com nível superior chegavam a receber cerca de 14 salários mínimos do Estado.

2 Materiais e métodos

³Salas multi seriadas, consiste no acolhimento de várias séries no mesmo ambiente e no mesmo horário. Na época abordada que é início da década de 70, trabalhava-se da 1^a até a 4^a série em uma única sala.

O processo das entrevistas realizadas com os(as) professores(as) apresentou-se como um estímulo, pois primeiro foi realizado a pré-entrevista onde foi feito um primeiro contato no sentido de inteirar o colaborador do assunto a ser tratado na entrevista. Assim, o mesmo pode começar a resgatar suas lembranças das experiências vividas, ou suas reminiscências do passado. Posteriormente realizou-se a entrevista onde o entrevistado, depois de alguns dias passados da pré-entrevista, falou de suas experiências. O passo seguinte foi fazer a transcrição dos áudios e vídeos das entrevistas para serem utilizados de forma mais objetiva.

É comum que algumas lembranças dos entrevistados fiquem esquecidas. Isso acontece porque o indivíduo não possui o hábito de rememorar todos os acontecimentos que vivenciou, assim a tendência é que com o tempo se esqueça deles. Segundo a perspectiva de Bobbio (1997, *apud* DELGADO, 2003, p. 16):

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade.

Entende-se que o olhar do autor sobre as circunstâncias diz que o indivíduo não tem o hábito de recordar suas lembranças devido a ser um exercício árduo e confuso, mas diante da confusão causada por dar-se conta de que, pode-se imaginar o futuro com vários roteiros diferentes e, no entanto, saber que terá apenas um e que este não lhe pertence⁴, ele recorrerá as lembranças do seu passado para reorganizar sua identidade, terá uma sensação de segurança ao fazê-lo já que mergulhará em si mesmo.

A memória pode apresentar-se como algo simples, entretanto é bem mais complexa quando se parte do íntimo de cada indivíduo e do coletivo. Assim as lembranças de cada professor que atuou na época estão arquivadas em suas memórias, algumas esquecidas devido ao tempo decorrido e ao fato de não as revisitarem frequentemente. É inteiramente possível que ao reportarem a tais experiências vividas consigam reavivar suas lembranças.

Bergson (1999, p. 159), afirma que: “Quanto mais me esforço por recordar uma dor passada, tanto mais tendo a experimentá-la realmente. Mas isso se compreende sem dificuldade, já que o progresso da lembrança consiste justamente, como dizíamos, em se materializar”. Não se pode afirmar que isso é uma regra geral para todos os casos,

⁴ Aqui se refere a morte como futuro certo e algo fora do controle do indivíduo.

compreende-se que é algo que parte do íntimo de cada pessoa, de modo que cada um destes indivíduos reflete acerca do assunto de uma forma completamente diferente do outro.

Discutir-se-á, doravante, os modelos de entrevistas utilizadas em pesquisas. Lakatos (1990, p. 37), definiu o conceito de entrevista como “o contato direto entre o pesquisador e o informante para, através da conversação, obter informações pertinentes”, sabe-se que há, pelo menos, dois tipos de entrevistas, a dirigida e a não dirigida.

A entrevista dirigida ou fechada caracteriza-se assim devido ao entrevistador estipular uma indicação das circunstâncias e a direção dos caminhos a serem tomados pelo informante, no momento da entrevista. Para Lakatos (1990, p. 37), é “quando segue um roteiro”. A entrevista dirigida é apropriada ao investigador a partir do momento que se busca colher informações previamente estabelecidas por ele. Assim ele conduz o entrevistado a fornecer estas informações de acordo com o que ele deseja colher.

Ao contrário da entrevista dirigida, a não dirigida, na perspectiva de Lakatos (1990, p. 37), incide “quando leva o entrevistado a manifestar espontaneamente suas ideias”. Assim não há um roteiro a ser seguido como é o caso da dirigida e o colaborador pode falar livremente do assunto que está para ser discutido sem a interferência direta do entrevistador. Obviamente que o entrevistador vai interferir somente se houver uma fuga do colaborador em relação ao assunto abordado. Acontecendo esta fuga o entrevistador interfere discretamente trazendo-o para o assunto novamente. As entrevistas escolhidas do arquivo e utilizadas para essa reflexão foram as entrevistas abertas, por julgar ser as mais produtivas para o alcance dos objetivos aqui propostos.

2.1 Análise das condições de trabalho dos professores

3.2.1 Estrutura escolar

Rondônia era um local novo e vista como um lugar para se buscar boas oportunidades de vida. As famílias que vieram para a Vila de Ouro Preto, como era chamado o município

anteriormente, devido ao seu tamanho no período, encontraram muitas dificuldades, da mesma forma, as condições de trabalho dos professores eram precárias.

Acompanhando as limitações existentes no município, as escolas também estavam sujeitas à falta de recursos e por isso não possuíam uma estrutura adequada para atender o público alvo, ou seja, os alunos. O espaço era insuficiente e mal arejado, não havia meios para oferecer o mínimo de conforto para os alunos e professores, tais como ventiladores e/ou ares condicionados. Como afirma em entrevista a professora Cleusa Silveira da Silva (29/03/2015) que atuou nos anos de 75 a 80 [...] não tinha ventilador [...] e a sala de aula era bem do lado do sol, aí pegava o sol pelo meio da sala a fora tudo. E aquela sala com 44 alunos, nossa era suor que escorria na gente o tempo todo [...]. Segundo relatos, também de outros professores da época no período da seca, eventualmente, as aulas eram ministradas embaixo de árvores, como sublinha o professor Antônio Ribeiro Rosa (22/03/2015) que iniciou no ano de 1988:

[...] eu posso dizer que hoje, os professores que lecionam hoje é... nas escolas hoje eles praticamente estão no paraíso, em vista do que eu vi. Na medida que eu estudei. As escolas tinham estruturas muito precárias né? Muito quente, não existia é, ar condicionado. É... muita das vezes os alunos ficavam tão perturbado com o calor que acabava chamando o professor para dar aula ao ar livre. Eu já dei aula para os alunos em baixo de árvore [...] porque o calor era muito intenso.

Muitas escolas contavam com apenas uma sala para ministrar as aulas, e em muitas localidades/comunidades as escolas/salas eram multi seriadas contavam com um ou dois quadros negros que eram divididos ao meio, ou em três partes, para que se pudesse escrever as atividades para as várias séries que se faziam presentes no mesmo horário. Nestas salas faltavam mesas e cadeiras, as que haviam eram de duplas, ou seja, comportavam dois alunos. Existia também um cômodo reservado ao armazenamento da merenda escolar que também servia como cozinha. O banheiro era um mictório construído a uma certa distância da escola devido questões higiênicas.

A professora Lourdes do Carmo Barbosa (01/04/2015) que iniciou suas atividades no ano de 89, fala sobre a estrutura escolar da época:

[...] Quando eu comecei era multe seriado, aí eu fiquei uns dois anos com multe seriado, as quatro série [...] quando eu comecei é... tinha a sala de aula e cozinha. [...] uma única sala de aula. A cozinha com a dispensa, o banheiro era aquele... lá fora né? Que tinha um... uma fossa i um quadrinho, um quadro negro pequenininho lá; mal estruturado i uma mesinha com a cadeira pro professor (risos).[...] um armariozinho também né?

Pode-se compreender, por meio da fala da professora, como eram precárias, do ponto de vista da atualidade, as condições estruturais para o exercício do trabalho nas décadas de 70 e 80. Os períodos de colonizações dos municípios do Estado de Rondônia trazem, dos professores pioneiros, relatos impressionantes que levam a crer que na Estância Turística de Ouro Preto do Oeste o início da escolarização não foi diferente dos demais municípios do Estado.

3.2.2 Material didático

Sobre as limitações observadas acima, no que se refere a estrutura escolar, pode-se obter claramente uma visão a respeito das condições em termos de recursos materiais que essas escolas recebiam para desenvolver suas atividades. Os materiais didáticos disponibilizados na época constituíam-se de um ou dois quadros negros que eram dividido em até três partes para cada série, como foi abordado anteriormente, as salas atendiam várias séries concomitantemente.

Mas havia lugares em que esses materiais didáticos não chegavam devido as limitações no transporte, assunto que será tratado em outro momento, assim conforme o testemunho da professora Gisele Vicente Campos (30/03/2015) que atuou na década de 70:

[...] tinham acabado de derrubar o ranchinho e construído uma escola que o INCRA construiu [...] porém não tinha nada dentro. Não tínhamos lousa né? Que é o quadro de giz e aqui na cidade [...] no INCRA havia muito giz, mas não conseguia chegar lá por causa de falta de transporte né? Tanto pra isso quanto pra merenda e então tínhamos que levar o que era mais importante para as crianças no momento. E normalmente a gente não tinha giz não tinha nada e como não havia lousa não havia necessidade de giz. Aí nós escrevíamos com carvão ou ainda nas tabuas que nós lixamos pra poder se transformar em lousa e também com barro principalmente para alfabetizar. A gente alfabetizava as crianças com aquele barro branco cinzento, então todo [...] o material era manuseado e trabalhado formando os rolinhos para fazer as letras e assim agente alfabetizava.

Essa época foi complicada para que os professores pudessem lecionar, havia material na sede do INCRA, mas não tinha um meio de transporte adequado para levar esses recursos para os professores e educandos das comunidades mais distantes.

As provas e materiais de leituras eram preparados pelos próprios professores em mimeógrafo. A professora Cleusa Silveira da Silva (29/03/2015), que atuou no período de

1975 a 1980, fornece algumas informações relevantes onde sublinha a falta de materiais didáticos:

[...] não tínhamos praticamente material [...] era na época do mimeógrafo não sei se vocês se lembram, e aí tinha que fazer fila pra poder ir rodar [...] aquele material né? Se você queria levar uma coisa diferente. É... eu trabalhava muito com texto atualidade, então eu fazia assinatura da Veja escolhia os melhores textos e cada dia [...] os alunos me dava 10 centavos e eu ia e xerocava os textos pra gente poder discutir em debates na sala de aula. Era difícil não tinha computadores era simplesmente [...] um mimeógrafo que existia ali.

O professor Antônio Ribeiro Rosa (22/03/2015) iniciou sua carreira docente no Estado de Rondônia em 1988, através de seus relatos pode-se ter uma noção das limitações do período:

[...] o professor não tinha acompanhamento do orientador educacional e nem supervisão. Então era ele o giz e o livro didático, que é só ele que tinha, ele passava na lousa [...] ou quadro-negro [...] e o aluno copiava. Então não tinha livro didático [...] eu não tinha Datashow é... não tinha internet, não tinha computador, então não existia celular, não existia praticamente nada. A biblioteca muito precária. É... Não existia livro, não era ainda a época do livro didático em que o aluno tinha o livro e ele é... levasse para casa, pesquisasse. Então era muito sofrido, realmente foi uma época muito difícil é..., mas as crianças aprendiam apesar disso.

Através das informações fornecidas pela fonte, pode-se concluir que a escassez de material e recursos didáticos nas escolas era muito grande, especialmente por conta da dificuldade de distribuição dos materiais em lugares mais longínquos, o que interferia no desenvolvimento e na eficácia das atividades docentes.

3.2.3 Merenda escolar

Na década de 70 não se ofertava merenda para as escolas devido as limitações do município, ou seja, as escolas não dispunham de uma estrutura adequada para o transporte e o armazenamento desses alimentos. A da professora Gisele Vicente Campos (30/03/2015) que lecionou nos anos 70 afirma que:

[...] não era possível ir [...] é... pela estrada por causa das chuvas né? Excesso de chuvas, não tinha como atravessar porque a água era difícil [...] não dava mesmo para atravessar as pinguelas e pontes [...] as merendas quem levava era sempre os

pais ou a professora, levava de cacai⁵ é... para poder chegar lá, então nunca levava muita, e quando tinha também tinha o problema de que os animaizinhos, os ratos e tudo mais atacava, porque não tinha lugar próprio para guardar [...].

No entendimento das professoras entrevistadas, a oferta da merenda escolar não era feita por parte da prefeitura devido às condições de armazenamento e das estradas.

A prefeitura passou a ofertar alimentos para a escola no final dos anos 70 e início da década de 80. A merenda ofertada para as escolas era composta por produtos industrializados, mas como os alunos estavam acostumados com os alimentos naturais, produzidos pelas próprias famílias, não gostavam dos alimentos ofertados pela prefeitura. O professor Antônio Ribeiro Rosa (22/03/2015) fornece algumas informações sobre isso. De acordo com o mesmo:

[...] essa época a merenda escolar [...] era feita as compra pela SEDUC. Merenda que os alunos não gostavam, vinha almondega, a... enlatados, coisas que os alunos não gostavam, sobravam as comidas porque os alunos não gostavam [...].

Embora os alunos rejeitassem a merenda industrializada por não possuir o mesmo sabor dos alimentos que estavam habituados a comer, do ponto de vista da prefeitura era o tipo de alimentação mais adequada a ser ofertada na época, já que o tempo de transporte até as escolas era indeterminado por motivos que fugiam do controle dos responsáveis, devido as estradas estarem em condições precárias no início do ano por causa das fortes chuvas, além de tudo não existia energia elétrica e refrigeradores para conservar alguns alimentos.

Os pais também auxiliavam no transporte dos materiais didáticos quando o governo os disponibilizavam para as escolas. Haviam pontos específicos das estradas em que não era possível o transporte com carros devido aos atoleiros, assim os materiais eram deixados em alguns lugares e os pais e os professores transportavam esses recursos, nas costas ou com animais, muitas vezes esse percurso se estendia por quilômetros, essa era uma forma das famílias contribuírem com a escola e com os professores.

3.2.4 Os salários dos professores

⁵ O cacai⁵ era como uma mochila grande, feita com um saco utilizado para colocar cereais, com capacidade de comportar cerca de 50 ou 60 quilogramas. Além do saco utilizava-se uma calça comprida para fazer as alças. Amarrava-se as pernas da calça uma em cada lado do fundo do saco e a parte do cós da calça era amarrada na boca do saco. Assim se tinha um cacai⁵.

Apesar das limitações expostas acima, o salário dos professores que atuaram naquela época era relativamente alto, comparado com o salário dos professores da atualidade, mesmo que os professores eram em sua maioria leigos, pois muitos professores, como já tratado anteriormente, tinham apenas a 4ª série, na década de 70, o município ainda não tinha sido criado, então também não tinha prefeitura. Assim o pagamento era efetuado pelo Território Federal de Rondônia, uma vez que nem o Estado de Rondônia tinha sido criado, como é possível observar no testemunho da professora Maria da Luz (14/03/2015):

[...] não existia município naquele tempo, [...] era o Estado que pagava, só que a gente tinha um procurador [...] que era o Dr. Canuto. Quando ele ia em Porto Velho trazia o salário de todo o pessoal. A gente tinha o procurador da gente, que trazia o nosso salário pra cá né? [...].

Como não havia prefeitura o salário era pago pelo Estado, aos professores, por meio de um procurador, que ficava responsável por ir buscar o pagamento de todos os professores na sede do Estado, em Porto Velho, e distribuir os salários entre os professores, como no depoimento acima.

Já na década de 80, a Estância Turística de Ouro Preto do Oeste se tornou município com uma sede para a prefeitura, assim não foi mais necessário ir buscar o salário na capital Porto Velho. Cada professor ia receber seu salário sem se fazer necessário um procurador. A prefeitura, a partir da criação do município, se encarregou da folha de pagamento dos professores, como relata a professora Emília Fagundes de Oliveira (02/032015), que atuou no ano de 1981:

[...] a prefeitura. Referente a hoje era bem melhor que hoje. Porque [...] no sitio eu tinha só 20 horas né? Mas teve época de vir até quatro a cinco salários mínimos. Hoje... hoje é 1 e um pouquinho só, com gratificações. Então referente aquela época o salário era melhor.

O testemunho do professor Antônio Ribeiro Rosa (22/03/2015), complementa o relato da professora Emília Fagundes de Oliveira:

[...] por incrível que pareça o salário nessa época. Pasmem [...] nessa época entre 85, 86 mais ou menos até 87 os professores recebiam do Estado de Rondônia é 14 salários mínimos [...] no quesito de salário eu posso dizer que o professor era bem remunerado nessa época. [...] no ano de 85 [...] com a saída do então governador Jorge Teixeira, esse governador Ângelo Angelino os salários de professores que tinha já uma faculdade já era entorno de 14 salários mínimos e pra quem não tinha faculdade era de 7,8 até 9 salários mínimos, então era um salário razoável aos tempos atuais.

Observa-se principalmente no testemunho do professor Antônio que os professores eram melhor remunerados naquele período do que os professores da atualidade.

Em seu testemunho percebe-se ainda uma diferença no salário pago aos professores. Os que não detinham formação superior chegavam a ganhar de 4 a 7 salários mínimos, já aqueles que possuíam formação com nível superior chegavam a receber 14 salários mínimos. Essas remunerações eram boas, apesar das limitações encontradas pelos professores da época.

4 Considerações finais

A estrutura escolar da época constituía-se de uma sala de aula, um cômodo para o armazenamento das merendas escolares e um mictório construído longe do corpo predial, da escola, por questões de higiene. A sala era de madeira, serradas ou lascadas, com cadeiras que comportavam dois alunos, nessa única sala atendia-se da primeira à quarta série ao mesmo tempo, ou seja, como já dito, as salas eram multi seriadas, os professores, sem formação adequada, eram polivalentes.

Em algumas escolas faltavam muitos materiais didáticos devido a ineficiência do transporte, pois esta distribuição de materiais não era feita devido ao estado crítico das estradas, como mencionado anteriormente, assim os professores improvisavam alguns materiais como pedrinhas, grãos de feijão ou de milho para trabalhar a disciplina de matemática, barro cinzento para modelar as letras do alfabeto, carvão para servir como giz de escrever, tábuas lixadas para servirem de lousa, etc. Desta forma os professores conseguiam alfabetizar seus alunos.

A merenda escolar, no início, era oferecida pelos pais dos alunos, a merenda que a prefeitura ofertava para as escolas eram todas industrializadas para que não pudessem rapidamente, justamente pela demora na entrega e falta de energia elétrica e refrigeradores para conservar os alimentos. Quando alguns alimentos chegavam às escolas, os alunos tinham uma certa rejeição aos produtos porque eram industrializados, pois estavam acostumados aos alimentos naturais da agricultura familiar. Assim a comunidade se fazia presente auxiliando os professores e a escola de forma mais efetiva.

Havia diferença no salário desses professores, pois os professores leigos recebiam cerca de quatro a cinco salários mínimos e os professores que possuíam uma formação de nível superior chegavam a receber 14 salários mínimos, isso aconteceu em meados dos anos 80,

quando o município já estava mais desenvolvido. Na década de 70 fazia-se necessário um procurador para ir à capital Porto Velho buscar o salário de todos, pois não era possível cada um ir buscar seu próprio honorário devido as condições das estradas e de transporte. Essa realidade mudou quando a Vila de Ouro Preto foi elevada à categoria de município, assim cada professor passou a receber seu salário sem a necessidade de um procurador.

Referências bibliográficas e fontes

BERGSON, Henri, 1859-1941. **Matéria e memória: ensaio sobre o corpo com o espírito**/Henri Bergson; tradução Paulo Neves. - 2 - ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1990. - (Coleção tópicos).

BOBBIO, Noberto. **O Tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**, 6, 2003. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura: Professora Titular de Metodologia da História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Ex-presidente da Associação Brasileira de História Oral.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Ed: Revista Dos Tribunais LTDA. Rua Conde do Pinhal, 78, SP. ed: 1990.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=110015> Acesso em: 10/06/2017.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral I**. Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi, colaboradora. - 6. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Atlas, 1990.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução Dora Rocha Flauman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol, 2, n. 3, 1989, p. 13-15.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional: Rondônia**, Marco Antônio Domingues Teixeira, Dante Ribeiro da Fonseca, PV, RO, 2ª Ed, 2001.

UNEOURO. GEPHEM-OPO (Grupo de Pesquisa e História da Educação e Memória de Ouro Preto do Oeste). **Arquivos em vídeos**. 2015. Professora Maria da Luz (14/03/2015); Professora Cleusa Silvério da Silva (29/03/2015); Professora Gisele Vicente Campos (30/03/2015); Professor Manoel Mariano Neto (06/02/2015); Professor Antônio Ribeiro Rosa (22/03/2015); Professora Jolita Alves de Oliveira (14/03/2015); Professora Lourdes do Carmo Barbosa (01/04/2015); Professora Ivânia Maria Salvatori (02/03/2015); Professora Emília Fagundes de Oliveira (02/03/2015).